

# A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA ENQUANTO FONTE DE CONHECIMENTO NOS TEMAS DROGAS, GÊNERO E SEXUALIDADE

---

## *University outreach as a source of knowledge on the subjects of drugs, gender and sexuality*

Araci Asinelli-Luz\*

### RESUMO

Os temas drogas, gênero e sexualidade, embora constantemente presentes nas discussões de âmbito político-social, nas disciplinas escolares ainda carecem de espaço para aprofundamento. Na extensão têm podido expandir suas representações através de projetos, programas, cursos e eventos. O Programa de Extensão Universitária “Com Viver” oportuniza a diferentes segmentos da população o acesso às informações historicamente construídas e privilegia, de certo modo, que as representações sociais de educadores/as sociais, professores/as, adolescentes em situação de vulnerabilidade social, conselheiros/as tutelares e de profissionais de diferentes áreas venham à tona, contribuindo com a construção do conhecimento e sua difusão. Para isso, pesquisa, ensino e extensão agem de forma integrada. Apresentar e discutir alguns dos indicadores de monitoramento utilizados para dar voz e vez aos participantes da extensão, enquanto fonte de conhecimento, é o objetivo desse artigo.

Palavras-chave: prevenção; drogas; gênero; sexualidade; extensão universitária.

### ABSTRACT

The subjects of drugs, gender and sexuality, though constantly present in socio-political discussions, lack space for deepening in school disciplines. In university outreach it has been possible to expand the representations of such themes through projects, programs, courses and events. The University-Community Program *Com Viver* creates opportunities of access for different segments of the population to access historically constructed information and it evidences, in a certain way, to bring to the surface the social representations of social workers, teachers, adolescents at social risk, tutelary counselors and professionals from different areas, contributing to the construction of knowledge and its diffusion. For that, research, teaching and community outreach work in an integrated form. This article presents and discusses some of the monitoring indicators used to give voice and time to the outreach participants, while sources of knowledge.

Keywords: prevention; drugs; gender; sexuality; university outreach.

### RESUMEN

Los temas de las drogas, género y sexualidad, aunque constantemente presentes y las discusiones del ámbito político-social, en las disciplinas escolares aún carecen de espacio para profundizarse. En la extensión han podido expandir sus representaciones a través de proyectos, programas, cursos y eventos. El Programa de Extensión Universitaria “Com Viver” ofrece a diferentes segmentos de la población el acceso a las informaciones históricamente construidas y privilegia, de cierto modo, que las representaciones sociales de los educadores/as sociales, profesores/as, adolescentes, en situación de vulnerabilidad social, de los consejeros/as tutelares y de profesionales de distintas áreas aparezcan, contribuyendo con la construcción

---

\* Doutora em Educação. Professora do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba Paraná. asinelli@ufpr.br

del conocimiento y su difusión. Para eso, investigación, enseñanza y extensión actúan de forma integrada. Presentar y discutir algunos de los indicadores de monitorear, utilizados para dar voz y vez a los participantes de la extensión, en cuanto fuente de conocimiento, es el objetivo de ese artículo.

Palabras-clave: prevención; drogas; género, sexualidad; extensión universitaria.

## Introdução

Em 1987, quando assumimos a função de membro do Conselho Estadual de Entorpecentes (CONEN), na condição de representante da Universidade Federal do Paraná, tínhamos em mente o desafio de apresentar um paradigma diferente para trabalhar o tema drogas, para além da questão da legalidade, tendo em vista a vinculação do Conselho à Secretaria de Estado da Justiça.

Em 1989, iniciamos também nossa participação na Comissão de Estudos sobre Álcool e outras Drogas (CEAD), vinculada à Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários (PRAC) e, posteriormente, à Pró-Reitoria de Recursos Humanos e Assuntos Estudantis (PRHAE), até 2003, quando foi extinta.

Dentre as ações da CEAD, houve o estímulo à criação de um Projeto de Extensão Universitária e uma disciplina, no Setor de Educação, que tratassem da prevenção ao abuso de drogas. Roselli-Cruz (1989, p.46) afirmava que “as relações entre a prevenção ao abuso de drogas e a Universidade, principalmente através da extensão, são estruturais e orgânicas, além de necessárias por força da lei” (o autor fazia referência à Lei Federal de Entorpecentes, n.º 6.368, de outubro de 1976).

A lei 6.368/76, em seu Capítulo I, dava destaque à prevenção, determinando a formação de professores/as para trabalhar o tema na escola, com ênfase na área das Ciências Naturais a partir das primeiras séries do ensino fundamental. Importante lembrar que os/as profissionais

das universidades, prioritariamente da área da saúde, bem como da polícia militar, têm sido chamados/as cada vez com maior frequência para ministrar palestras sobre drogas em escolas, montar treinamentos ou assessorar projetos de prevenção, demonstrando a fragilidade das ações de prevenção nas escolas, que denunciam ausência de projetos e programas, bem como de políticas públicas nesse setor.

Se por um lado, inicialmente as ações centravam-se mais na difusão do conhecimento acadêmico sobre a comunidade, atualmente temos muita clareza de que a extensão é um processo de intercâmbio de conhecimentos e relações de dupla mão, bem como indissociável em relação ao ensino e à pesquisa. A extensão “é um fenômeno de interação participativa e assim deve ser exercida. A extensão não dá o peixe, nem ensina a pescar. Ela pesca junto” (ROSELLI-CRUZ, 1989, p. 48).

Esse breve relato histórico da extensão no campo da prevenção ao abuso de drogas serve para ilustrar a rede de fatores intervenientes para que uma ação de extensão se constitua cultural e institucionalmente incorporada nos interesses acadêmico e comunitário. As diferentes relações e, principalmente o desenvolvimento da escuta-ativa<sup>1</sup>, possibilitou saber que as demandas em prevenção do abuso de drogas também exigem conhecimentos relacionados a gênero e sexualidade, motivo pelo qual o Programa de Extensão “Com Viver”, fruto do processo ora descrito, tem como missão ser referência frente às demandas por capacitação, formação continuada de professores/as, pesquisa, assessoria e consultoria em ações ligadas à



<sup>1</sup> Habilidade em alteridade que se caracteriza pelo acolhimento da demanda do/a outro/a, via solidariedade e compromisso na mediação pela possibilidade de solução do conflito.

prevenção do abuso de drogas e na sua interface com os temas sobre gênero, sexualidade e violência, tendo por base teórica a educação em valores e a cultura da paz.

Esse artigo tem por objetivo apresentar alguns indicadores utilizados para monitorar as ações em prevenção, tendo em vista a construção do conhecimento na área.

## A interface entre a extensão, o ensino e a pesquisa

O Programa Com Viver, dentre seus projetos de ação, é co-responsável pela oferta da disciplina de código EM377, denominada “Métodos e técnicas de prevenção ao abuso de drogas”, de responsabilidade do Departamento de Teoria e Prática de Ensino, Setor de Educação da UFPR. Essa disciplina, com carga horária de 45h em regime semestral, é curricular para a maior parte das licenciaturas dentre as ofertas de disciplinas optativas, podendo ser cursada também por acadêmicos/as dos diferentes cursos ofertados pela Universidade, como eletiva ou mesmo como disciplina isolada.

Na perspectiva da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a disciplina foi estruturada de tal forma a receber a comunidade interessada, com formação mínima de ensino médio, para que tenha acesso às possibilidades validadas cientificamente no campo da prevenção. Dessa forma, ao lado de acadêmicos/os de cursos como Ciências Biológicas, Pedagogia, Química, Enfermagem, entre outros, encontramos professoras/es, agentes de saúde em alcoolismo e drogas, conselheiros/as tutelares, educadores/as sociais, diretoras/es de escolas, técnicos/as em recuperação de dependentes químicos, profissionais da saúde, mães, pais, psicólogas/os e, por vezes, protagonistas juvenis.

O programa sofre variações a cada semestre em função da característica de cada

turma tendo, no entanto, um eixo norteador, focado na pessoa, enquanto ser único e com dimensões biológica, psicológica, emocional, espiritual, cultural, histórico-social própria. Portanto, as informações e conhecimentos sobre drogas, gênero e sexualidade, procuram respeitar as diferentes tendências academicamente construídas, ao mesmo tempo em que novos dados da realidade são coletados e analisados para possibilitar a dinâmica da reflexão sobre o conhecimento produzido.

A reflexão que ora propomos tem como período de referência o segundo semestre letivo do ano de 2007, contando com a efetiva participação de quarenta e duas pessoas que concluíram a disciplina com frequência e aproveitamento, dentre quarenta e nove inicialmente inscritos, o que representa 85% de permanência e aprovação, sendo trinta deles/as participantes extensionistas e doze acadêmicos. Verificamos, apenas pelo critério quantitativo, a diferença de demanda em relação ao caráter objetivo do ensino curricular oportunizado e a extensão.

## A extensão e a produção de conhecimentos

Como indicadores de monitoramento para a produção de conhecimento na área, utilizamos três instrumentos básicos: uma ficha cadastro de inscrição (expectativas), o diário de bordo (processo) e a avaliação de produto.

Na ficha de cadastro, além dos dados pessoais, o levantamento dos motivos que levam à busca da atividade extensionista é fundamental para a organização do programa. Dentre os motivos mais comuns encontramos: (1) o necessário aperfeiçoamento profissional e atualização para o trabalho na área, (2) a busca do conhecimento em função do trabalho com adolescentes ou no campo do magistério, e (3)

a compreensão do tema em função dos estilos de vida. Os depoimentos a seguir ilustram os motivos acima referidos:

Interesse em trabalhar em instituição/ unidade de saúde como consultor e técnico em dependência química. (1)

Aperfeiçoamento na área de dependência química, para facilitar a comunicação com o usuário. (1)

Trabalho com jovens do ensino médio e a questão da droga está presente. Acredito que a disciplina irá ajudar na intervenção no espaço escolar. (2)

Ter um maior conhecimento sobre o assunto pois tenho amigos usuários e também pretendo trabalhar e conhecer sobre a prevenção. (2)

Melhorar como pessoa e saber tratar melhor os outros. (3)

Adquirir conhecimento e utilizar como ferramenta em seu trabalho e auxiliar na educação dos filhos. (3)

O “diário de bordo” representa um indicador de processo extremamente importante. Caracteriza-se como um material de metacognição, portanto, de reflexão, onde o/a participante, semanalmente, traduz em palavras *o que aprendeu, o que pensa sobre o que foi apresentado ou discutido, as dúvidas que foram suscitadas, o que e por que não gostou de algo, do que se lembrou ou que situações*

*semelhantes às discutidas lhe são familiares, os livros, filmes ou coisas que leu, viu ou ouviu que tratam de assunto semelhante.* Portanto, é um recurso para comentar em lugar de simplesmente resumir sobre o que vivenciou em aula.

Freqüentemente, filmes, artigos, livros eram compartilhados por conta disso, aumentando a possibilidade de acesso a informações, pesquisas, trabalhos, situações de conflito e serviços disponibilizados, como por exemplo:

Nesta semana li uma reportagem sobre pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, que afirma que os maiores usuários de droga são de classe alta, jovens entre 24 e 30 anos. (...) De certa forma, é esta classe alta que se encontra atrás de muros altos em bairros residenciais de luxo e muitas vezes andam com seguranças e em carros blindados que financiam o tráfico e são responsáveis pela violência que tanto os amedronta. Irônico, não? (sic) (estudante de pedagogia)

Esta dinâmica foi muito legal, pude perceber em mim muitos preconceitos. Ficou também muito claro que é difícil falarmos sobre sexo. (...) Lembrei que durante minha adolescência, passada em um colégio interno, que hoje damos o nome de abrigo, que nunca alguém falou sobre isso. Para mim sempre foi algo escuso, proibido, vergonhoso (profissional da área de educação, aposentada).

Tais depoimentos ilustram que a aprendizagem significativa<sup>2</sup> vai além do momento ou do conhecimento objetivo. Permite rever e re-significar a própria história de vida, alertando para a co-responsabilidade do/a professor/a no processo de aprendizagem dos/as estudantes.

O diário de bordo também proporcionou o desenvolvimento de uma metodologia

<sup>2</sup> As novas informações contribuem para a re-significação de conceitos, aprendizagens anteriores permitindo novas representações, concepções e conceitos.

de estudo, pois a avaliação da disciplina/atividade de extensão não se dá por “prova de conhecimentos” e sim pela responsabilidade do compartilhar semanalmente as reflexões/aprendizagens pessoais. Na situação de ausência em alguma atividade, o/a estudante tinha a opção de substituir o relato do diário de bordo pela resenha de algum filme, texto, livro ou evento visto, lido, assistido, participado, em afinidade com o tema tratado em aula, contribuindo para a difusão do conhecimento.

Durante as atividades, foram coletados dados sobre as representações que os/as participantes têm sobre as drogas, respeitando-se os critérios da ética em pesquisa que envolve seres humanos, que farão parte de estudo específico a respeito, contribuindo com o papel da extensão na produção do conhecimento.

A avaliação de produto, além da análise dos diários de bordo, foi realizada em duplas a partir de questionário aberto, composto por seis questões:

1. Diante de suas expectativas e motivações iniciais, como avalia a disciplina/curso “métodos e técnicas educacionais de prevenção às drogas”?

2. Que aprendizagens lhe foram mais significativas (encontram suporte em suas experiências anteriores)?

3. Que momentos/conteúdos destaca como importantes na disciplina/curso?

4. Quais as principais críticas em relação à disciplina/curso que gostaria de compartilhar e suas respectivas sugestões para corrigi-las?

5. Quais as principais dúvidas que ainda persistem ou foram formadas no decorrer do processo e para as quais não tem respostas?

6. Você recomendaria essa disciplina/curso para alguém? (sim, não, talvez). Justifique.

A análise das respostas proporcionou vários elementos que comporão o corpo de conhecimento de artigos e relatos de experiência na área da prevenção. À guisa de reflexão nesse momento, a totalidade dos/as participantes

manifestou que as expectativas e motivações foram atendidas pela disciplina/atividade de extensão. Os depoimentos a seguir ilustram essa questão:

Ótima, achei no princípio que iria ajudar no meu trabalho com adolescentes enquanto orientadora, mas não foi só pelo meu trabalho, pela minha concepção de vida, valores, paradigmas, como ser melhor, como pessoa, principalmente diante de preceitos e preconceitos (estudante de pedagogia).

Uma disciplina surpreendente, onde a participação de toda a turma e os relatos enriqueceram consideravelmente a discussão sobre o tema. Um assunto difícil que foi trabalhado da melhor forma possível (acadêmico de ciências biológicas).

Já tive alguns cursos em relação à prevenção, mas você gosta de trabalhar com a verdade e isso é muito importante, quando se trabalha com seres humanos (técnico em recuperação de dependentes químicos).

Para quem não é dependente, mudou os pensamentos e para quem é dependente em recuperação vem a ser um reforço para mantê-la e argumento para conversar com outros dependentes (profissionais que atuam na área da dependência química).

Me surpreendi com as aulas, tanto com a sua condução quanto com a participação dos colegas. Bastante esclarecedora, atual e com muito bom humor as aulas. Aprendi muito. (psicóloga)

Em relação à aprendizagem, interessante focar que as diferentes dimensões do aprender foram apresentadas pelos/as participantes. Para

isso tomamos como referência os pilares da educação preconizados pela UNESCO a partir da obra de Jacques Delors (2001): aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver. Tomamos a liberdade de acrescentar uma outra dimensão, considerada de importância quando o tema se refere ao uso de drogas, gênero e sexualidade, o aprender a sonhar, na perspectiva da possibilidade de um projeto de futuro.

Os depoimentos a seguir ilustram tais dimensões:

Apreendi bastante ouvindo colegas com suas experiências pessoais e profissionais. Pude também repensar sobre como abordar o tema “drogas e sexualidade”, nunca pelo aspecto negativo! (psicóloga). (aprender a fazer)

Sobre drogas, sexualidade e preconceitos encontramos suporte dentro da nossa dependência e de nosso tratamento, inclusive em nosso trabalho como voluntário (dependentes químicos em recuperação). (aprender a ser)

Para mim foi significativo aprender a parte teórica das drogas e seus efeitos no organismo, no que me considerava leiga (pedagoga). (aprender a conhecer)

O convívio com essa diversidade de pessoas que compõem a turma foi uma experiência muito enriquecedora, inesquecível! (professoras). (aprender a conviver)

Suporte técnico para manter a abstinência e a mudança de hábitos (dependente químico em recuperação). (aprender a sonhar).

Houve uma aceitação integral dos conteúdos e metodologia de trabalho por parte

dos/as participantes, reforçando a importância do diagnóstico da turma para a concretização do programa. O depoimento a seguir sintetiza o que foi manifesto pelo grupo:

Todos são importantes. A diversidade faz a diferença: filmes, relatos, palestras, aulas expositivas, dinâmicas. Acho importante saber o que a mídia está falando sobre as drogas e sexualidade (psicóloga).

Importante a atenção a ser dada às críticas e sugestões. Como houve grande aceitação pela disciplina, as críticas foram poucas e focadas em três aspectos específicos: o tempo (sugerem ampliar a carga horária e redimensionar melhor o tempo em função de alguns temas que poderiam ser mais discutidos); a atitude de alguns/as participantes que às vezes “falam” demais, prolongando alguns debates em detrimento de outras discussões e o não cumprimento dos combinados em relação ao horário (de início e retorno do intervalo). São questões funcionais que remetem à forma de mediação e organização da aula, de competência da professora.

As dúvidas que persistem ou foram formadas durante o processo, remetem à noção de complexidade e necessária transdisciplinaridade que envolvem os temas tratados prioritariamente. Embora muito se saiba sobre as drogas, seus mecanismos de ação no sistema nervoso central, os fatores de risco e de proteção frente ao consumo de drogas, a teoria de gênero, seus determinantes histórico-culturais, sobre a sexualidade e suas intercorrências, nada pode ser generalizado, pois cada ser humano é único e inigualável e a rede de relações e ecossistemas que o envolve impossibilita que o contexto da droga seja tratado privilegiando um ou outro campo do conhecimento.

Questões como: “Será que somos livres para fazer nossas escolhas?”; “Até quando

a sociedade, os governantes, vão continuar a mascarar o problema em relação à drogadição e discutir e gerar soluções para a prevenção ao uso e abuso de drogas?"; "Por que nos tornamos dependentes?" e "Como aplicar tantos conhecimentos em relação aos adolescentes?", trazidas por participantes no momento da avaliação, aliadas a questões de ordem pessoal de duas participantes, tais como: a dúvida se "um dependente químico (álcool) pode voltar a beber socialmente", ou com o preconceito "de que a criança possa apresentar já pequena tendência ao homossexualismo" (o correto é homossexualidade). "E onde fica o texto de Gênesis: macho e fêmea os criou", reforçam a importância da extensão como fonte de conhecimento para que possamos auxiliar na reconstrução social em temas ainda polêmicos e de acesso limitado ao conhecimento cientificamente elaborado que, muitas vezes, encontra resistência nas práticas sociais fortemente marcadas pela cultura.

Atividades de extensão como essa, percebe-se pelos depoimentos, têm na experiência das próprias pessoas o melhor mecanismo de divulgação, pois atuam como agentes de multiplicação, recomendando, influenciando e estimulando a aprendizagem social.

Recomendaria para pais e para educadores de modo geral, considero fundamental que estes tenham este tipo de suporte/conhecimento.

Este curso destina-se para todas as pessoas que desejam sempre aprender

e estar atualizando-se. Nós achamos o curso maravilhoso.

Por ser extremamente atual e educativo, já recomendei para várias pessoas.

Já recomendamos! Porque quase não existem ambientes onde possamos nos atualizar em relação ao tema do curso.

Já estamos recomendando para dependentes em recuperação que estão demonstrando interesse em participar (pelos nossos comentários). Também para profissionais de saúde e universitários.

Deveria ser obrigatório para todos os cursos.

O curso que eu fiz na ABRASA foi ótimo, mas esse, como disse, se trabalhou com a verdade nua e crua.

A extensão, portanto, é um braço importante da universidade na comunidade, numa dinâmica de ir e vir de saberes, num diálogo permanente entre o conhecimento científico e o conhecimento popular. Reconhecer a extensão como fonte de conhecimento oportuniza a professores, estudantes, pesquisadores/as e comunidade interajam, propiciando que todos/as sejamos, efetivamente, autores e protagonistas de uma nova construção social, mais solidária, ética e cidadã.

## REFERÊNCIAS

- ASINELLI-LUZ, A.; PERES, E. L. Reflexões sobre a extensão universitária e a participação da psicologia num programa de prevenção ao abuso de álcool e outras drogas. *Interação*, Curitiba, v.1, p. 179-191, jan./dez. 1997.
- \_\_\_\_\_. *Educação e prevenção ao abuso de drogas: limites e possibilidades*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CAMPOS, P. H. F.; LOUREIRO, M.C.da S. (Orgs.). *Representações sociais e práticas educativas*. Goiânia: Ed. Da UCG, 2003.
- DELORS, J. *Educação, um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 2001.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- ROSELLI-CRUZ, A. Prevenção do abuso de drogas como atividade de extensão universitária. *Ciência às 6 e meia*, Curitiba, v.1, p. 43-49, 1989.
- SCHMIDT, M. A.; STOLTZ, T. (Orgs.). *Educação, cidadania e inclusão social*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. Disponível em: <[www.proec.ufpr.br](http://www.proec.ufpr.br)>. Acesso em: 10/01/2008.

Texto recebido em 15 fev. 2008  
Texto aprovado em 25 mar. 2008